

A MISSÃO DE SEU GABRIEL E O ARQUÉTIPO DO CHAMADO Um Estudo da Psicologia Simbólica¹

Carlos Amadeu Botelho Byington²

INTRODUÇÃO

Este artigo é uma versão modificada de um capítulo escrito para o livro *A Casa da Flor* de Amelia Zaluar sobre a vida de Gabriel Joaquim dos Santos. As partes aspeadas do texto pertencem a relatos verbais de Seu Gabriel recolhidas por ela numa gravação de seis horas durante os sete últimos anos da vida dele.

Como nos relata Amelia Zaluar, Gabriel Joaquim dos Santos (1892-1985) nasceu no município de São Pedro da Aldeia perto de Cabo Frio no Estado do Rio de Janeiro. Seu pai era negro mestiço, escravo e feitor de outros negros. Sua mãe, também mestiça, era filha de uma índia "*pega no laço*" pelo avô de Seu Gabriel. Tinha cabelos lisos e muito longos que caíam até os joelhos. Era gorda, baixa e bondosa. Nascida em 1848 morreu aos 84 anos, dias após a morte do companheiro em 1932. O pai, Vinuto, enlouqueceu aos 80 anos. Saía nu, pelos arredores gritando "*Aqui Sinhá Leopoldina, que estão me matando*".

Onze anos após a abolição da escravatura, a família comprou um sítio de quatro alqueires com um cafezal. No local já existia uma casa de pau-a-pique na qual foram criados os doze filhos, seis homens e seis mulheres. Seu Gabriel foi o quarto filho.

As mulheres da família dedicavam-se à cerâmica, fabricando panelas, alguidares e potes de barro queimados ali mesmo numa "*coivara*" de lenha. As peças eram vendidas ou trocadas por peixe em Arraial do Cabo, onde Gabriel ia com o pai, a pé, pela praia, numa caminhada de quatro léguas. Saíam à meia noite e chegavam com a "*barra do dia se anunciando*".

Bernardino, o irmão mais velho, carpinteiro habilidoso, produzia cuias, colheres, panelas, farinheiras e pilões. Os outros homens trabalhavam no campo.

Gabriel, desde cedo, manifestou seu temperamento, uma acentuada queda para as artes. Cantava, com voz bonita, acompanhando-se com a harmônica e o violão. Fazia

¹ Artigo Publicado na Janguiana, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, nº 12, São Paulo, 1994

² Médico Psiquiatra e Analista Junguiano. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Membro da Associação Internacional de Psicologia Analítica. Educador, historiador e criador da Psicologia Simbólica Junguiana.
e-mail: c.byington@uol.com.br site: www.carlosbyington.com.br

flores - rosas e cravos - de papel crepom, para vender. Desenhava muito bem riscos para tecidos bordados. Pintava em cartolina sereias e santos, de encomenda, dedicando versos, de sua autoria, à pessoa que o contratava.

Já rapaz, construiu uma capelinha, dedicada a Santo Antônio, onde ele organizava festas nas datas tradicionais da Igreja Católica. No altar, santos de barro, que ele mesmo esculpia e pintava. De lá saiam procissões, os lampiões acesos, os santos nos andores, foguetes estourando no ar...

Em 1926, compreendeu, ao ouvir um pastor falar, que a religião católica não o satisfazia plenamente, e passou para a Igreja Batista, à qual pertenceu até morrer. Na ocasião desfez-se dos santos e derrubou a capelinha. Extremamente devoto, dedicou-se à religião com o mesmo afinco e responsabilidade que manifestava no seu trabalho e no trato com o mundo. Viveu sempre com dignidade, apesar da pobreza, cercado do respeito de seus irmãos de fé - também nesse aspecto não foi uma pessoa comum. Mostrava-se mesmo severo na crítica ao caráter dos conterrâneos, em observações escritas em seus cadernos.

Deixou registrada nas paredes de sua casa a confiança depositada em Deus e, em seu discurso, percebe-se que acreditava criar guiado por inspiração divina, associando sua capacidade inventiva com a força e a criatividade de um espírito superior:

- "Eu mesmo fazendo, eu mesmo me espantando, isso pode ser só de mim?... Isso não é da gente, não. É o espírito de Deus que concede!"

Do sonho à fantasia, nasce a casa.

Prossegue Amelia Zaluar relatando que desde pequeno, Gabriel intuiu que teria que viver sozinho, "*fora da família*", para fazer, com tranqüilidade os "*trabalhinhos*" de que tanto gostava, para ter seu espaço e liberdade de criar. Aos vinte anos, uma "*revelação*", um sonho lhe mostrou que devia construir uma casa "*só para si*".

A partir de 1912, começou a construção, aproveitando uns alicerces antigos, distantes apenas uns três metros da casa da família. Levantou primeiro um quarto pequeno onde passou a dormir, nesse mesmo ano. Lentamente, depois disso, ano após ano, começou a erguer as paredes dos outros cômodos e a dispor o telhado. Lavrador e depois trabalhador nas salinas da região, dispunha de poucos recursos para comprar o material necessário à obra. Trabalhava sozinho, em seus momentos de folga. Gastou muito tempo, muitos anos - quase dez - para terminar a habitação. Não construiu cozinha na casa, pois sentiu que nela não se devia fazer refeições.

No ano de 1923, veio-lhe, através de novo sonho, a idéia de enfeitar a casa. Mas como? Com quê? Onde conseguir os apetrechos e materiais indispensáveis? "*Matutando*" muito, resolveu embelezar seu rancho com o refugo das construções locais, "*restos de obras grandes da cidade*", com objetos e materiais quebrados encontrados no lixo, com coisas jogadas fora porque consideradas imprestáveis para o uso. - "*Pensei em fazer do nada.*"

Nessa procura, não havia materiais "*nobres*" para Gabriel. Ele não procurava, em suas andanças pelas estradinhas desertas, objetos inteiros. Queria mesmo os cacos. Nem procurava os formalmente aceitos como adequados para determinadas funções. Via, nesses restos, nos materiais mais humildes, possibilidades que os outros não viam. Tudo servia para compor sua casa / escultura, para dar vazão a uma prodigiosa criatividade. O "*imprestável*", o "*lixo*", o "*inútil*", transformavam-se, através de seus olhos visionários, em matéria preciosa para a produção de beleza, num estranho e singular processo de assimilação, em que os elementos, os cacos, eram selecionados por sua beleza e energia intrínsecas, não percebidas pelas pessoas comuns.

Sem formação técnica especializada, Gabriel supriu, com sua grande inteligência, todas as limitações, e utilizando como recurso principal a intuição, aprendeu sozinho a executar uma série de tarefas. Fez de tudo: foi pedreiro e carpinteiro, arquiteto e construtor, operário e artista.

Alfabetizou-se rapidamente, já homem feito, aos 36 anos. A data está devidamente registrada em um de seus cadernos: "*Gabriel dos Santos aprendeu a ler a 10 de setembro de 1928, até aí não sabia nada*". Esse homem singular, inquieto e curioso, que queria aprender a escrita, resolveu pedir a um menino, que morava nas vizinhanças, para lhe ensinar. Comprou uma cartilha e com esse único material didático, aprendeu a ler e a escrever e, como queria muito, aprendeu a "*definir*" a Bíblia. Com esses rudimentos da escrita, mantinha comportamento de um erudito, preocupado com o registro das datas significativas nas paredes de sua casa, ou com a anotação sistemática, em seus cadernos, dos acontecimentos do seu universo particular e, o que é mais surpreendente, com o registro de fatos históricos da sua região e do Brasil.

O bom senso com que Gabriel discorria sobre a nossa história era duplamente espantoso, por se tratar de uma pessoa semi-analfabeta e que vivia num lugar bastante isolado, sem acesso, portanto, aos meios de comunicação. Lia jornais, esporadicamente, não tinha rádio nem televisão (o que não queria), não freqüentou escolas, nem museus. Recebeu em vida, portanto, um reduzido volume de informações. Com esse pouco, porém, conseguia entender e explicar, com propriedade, graças à inteligência e

sensibilidade apuradas, acontecimentos havidos fora do seu espaço geográfico. Comentava, espantado, que os jovens, que estudam quatro ou cinco anos na faculdade, saem sem saber nada da profissão. *"As pessoas não sabem nem cozinhar!"* espantava-se ele.

A SOLIDÃO DO ARTISTA MÍSTICO

Gabriel nunca se casou, nem teve filhos. Sempre morou sozinho na Casa da Flor. Dizia mesmo que não conseguia dormir com a presença de outra pessoa em sua casa, mesmo que fosse uma criança. Isso o perturbava muito. Teve como companhia, durante muitos anos, alguns cachorros: Brilhante, Jardineira, Viajante, Abril, Finlândia e Diamante. Quando da morte de Diamante, anotou seu pesar em um caderno:

- O Diamante um cachorro de estimação de Gabriel, apareceu doente no dia 1 de janeiro de 1977. Gabriel mandou Wilson matar no dia 3 de janeiro de 1977. Lembrança e saudade do meu cachorro. Companheiro de viagem (?) nunca mais eu quero. 3-1-77. Diamante.

Criava galinhas, quando moço, e afeiçoou-se de tal modo por uma delas que, quando de sua morte, construiu um pequenino mausoléu - uma caixinha de cimento - com inscrição e data, na parte externa do muro, para que *"ela não se desmanchasse por aí à toa."*

Em volta da casa, dezenas de marimbondos voavam, assustando os visitantes, mas que, surpreendentemente não mordiam o proprietário do lugar.

Aposentou-se em 1960, vivendo, a partir daí, com uma pensão irrisória, mas que, segundo ele, o livrava da mendicância ou de viver às custas de outros.

-"Não voltarei mais nunca ao trabalho. Estou aposentado por Doutor Geraldo no dia 25 de julho no ano de 1960. Agora até o fim Gabriel Joaquim dos Santos estou liberto para sempre."

Tinha os pés inchados e cortados. Sofria de catarata nos dois olhos, resultado talvez do duro trabalho nas salinas da Região dos Lagos. Foi perdendo gradativamente a visão, primeiro de um dos olhos e depois, nos últimos anos de sua vida, dos dois. Via somente sombras no final. Mas isso lhe bastava para que continuasse trabalhando no embelezamento do seu lar, completando um bordado ou remendando os enfeites danificados, alguns até por ele mesmo.

Nos últimos cinco anos de sua vida, vivia atormentado por *"espíritos assombrados"* que dizia ver e escutar. Instigado por essas *"almas penadas"*, que estariam agrupadas

em cima de sua casa, chegou a quebrar algumas flores e a rica moldura de um retrato na sala, e ainda queimou algumas roupas suas.

Deixo aqui registrado seu depoimento a respeito desses acontecimentos estranhos, que tanto o fizeram sofrer no final da vida:

- "Eu nunca ouvi o meu pai contar uma história dessas que falasse gente de nuvem. Nunca. A força nossa é toda aqui embaixo. Lá em cima não... Eu não sei o que é. Uma bateria, um exército, um agrupamento de 150 pessoas, mulher, homem, criança. Falam português. Ninguém escuta, só eu. É uma zoeira, um falatório, do Cabo até aqui. Isso me apareceu no dia 4 de março (1980). Mexe nas coisas. arrebenta corrente, apanha as coisas, esconde, não posso ter nada em casa. As pessoas estão tristes, mas não sabe o que é, os animaizinhos fica maluquinho... Me apareceu um anjo nu que me disse que era meu anjo da guarda e mandou quebrar as coisas. Depois de um tempo a noite foi passando e ele me disse que era o demônio. Anda me machucando, me disse que eu vou ficar paraplético. Esse joelho aqui tava doente, mas aí chegou, bota fora os dois. Um enfraquecimento do corpo... E de noite, aquele enxame, a noite inteira em cima. Ele conversou comigo: disse que é um capitão espiritual, que tem que largar o posto pra meter outro no lugar. E aí falou comigo pra fazer a parte, pra assinar um papel. Eu não compreendo essas coisas. Disse pra ele: - Não senhor, não posso assinar porque não compreendo isso. E aí começou a tentação..."

Conservou a memória até o fim, lembrando com detalhes fatos acontecidos há décadas. Os parentes sempre o procuravam para dissipar alguma dúvida a respeito das datas de aniversário, de casamento ou de morte dos familiares.

Aos 92 anos caiu e quebrou a perna esquerda em três lugares, sendo levado para um hospital em Cabo Frio. Lá os médicos instruíram a família para operá-lo em Niterói, com o que Gabriel não concordou. Provavelmente, intuía que morreria de qualquer jeito, mas mais triste, se fosse internado no hospital. Não conseguiu deixar sua casa, que era sua segunda pele, seu corpo de "fora". Voltou para casa e morreu 46 dias depois, no dia 3 de março de 1985, às 16 horas. Seu corpo foi velado na Igreja Batista de Campo Redondo e enterrado no Cemitério de Santa Isabel, em Cabo Frio.

Cinco dias antes de sua morte, pediu ao sobrinho Wilson para zelar por sua casa, para ser "sua pessoa", justificando: - "Isto é um enredo, uma história"... (este resumo biográfico foi copiado do relato de Amelia Zaluar).

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA

Uma tentativa de compreensão psicológica da personalidade de Seu Gabriel levou-me a perceber quatro temas principais: a dedicação existencial integral aos símbolos dos seus sonhos e de sua imaginação; o uso desta dedicação para a construção de uma casa caracterizada pelo símbolo da flor; a realização da obra por um humilde operário de descendência índia e negra, filho de um escravo-feitor, no local de uma antiga senzala; e, finalmente, a criatividade reconhecida por ele próprio como transpessoal e enraizada num desígnio de Deus.

Não há dúvida que estamos diante da constelação do Arquétipo do Chamado na personalidade de alguém que recebeu um chamado e transformou-se num missionário para atendê-lo. Do ponto de vista arquitetônico, poético, sociológico e antropológico, outros opinarão. Tentarei abordar o tema pelo conjunto dos seus significados psicológicos buscando esclarecer, assim, um pouco mais, como e para quê foi chamado este homem. Antes de tudo, examinaremos a psicologia do chamado sob a perspectiva arquetípica para compreendê-la como parte do desenvolvimento psicológico.(1)

O ARQUÉTIPO E O SÍMBOLO ESTRUTURANTE

Vivências tão extraordinárias só podem ser devidamente compreendidas quando comparadas com o que ocorre no desenvolvimento normal da psique. Se assim não fizermos, correremos o grande perigo de isolarmos estas vivências no que elas têm de extraordinário, e de mantê-las depositadas no criador. Com isso, impediríamos sua frutificação dentro da coletividade e sabotaríamos parte importante da missão de Seu Gabriel que é ter sido ela executada no meio das pessoas e na simplicidade humana do dia-a-dia.

O arquétipo é uma estrutura psicológica descrita por Jung como a matriz organizadora das vivências humanas. O arquétipo é hereditário e corresponde na psicologia ao instinto da fisiologia. Os arquétipos são padrões virtuais que se expressam por símbolos. Há uma infinidade de arquétipos, tantos quantos são os tipos de manifestações humanas, como por exemplo, os Arquétipos Matriarcal, Patriarcal, da Alteridade (da Anima (no Homem), do Animus (na mulher)), da Totalidade, do Herói, da Bruxa, do Velho Sábio, da Morte, do Mestre-Aprendiz, do Caçador, do Líder, do Sacerdote e assim por diante.

Os arquétipos são ativados durante a vida e a partir daí coordenam o campo psicológico. Apesar de presentes em todos nós, sua intensidade e momento de manifestação são imensamente variáveis de um ser humano para outro, tanto quanto a voz, a audição ou a forma de pensar e de sonhar (2).

O desenvolvimento da consciência individual e coletiva se faz através de quatro principais arquétipos, que denomino os arquétipos regentes: o Arquétipo Matriarcal, o Arquétipo Patriarcal, o Arquétipo de Alteridade, que engloba os Arquétipos da Anima e do Animus e, finalmente, o Arquétipo da Totalidade. Cada um destes quatro arquétipos regentes é mais ou menos ativado por cada vivência, mas os quatro funcionam, lado a lado, estruturando a consciência individual e coletiva durante toda a vida. Cada indivíduo ou cultura apresenta características próprias no desenvolvimento dos seus dinamismos arquetípicos regentes. A partir deste quaternio arquetípico regente, temos a constelação de uma infinidade de outros arquétipos e seus dinamismos correspondentes dependendo das incontáveis vivências humanas.

Por trás dos arquétipos regentes e de todos os demais arquétipos, percebemos a ação criativa e coordenadora do Arquétipo Central, que busca transformar tudo o que opera na psique em símbolo estruturante do desenvolvimento da consciência individual e coletiva.

O dinamismo matriarcal (Arquétipo Matriarcal) estrutura a consciência através dos princípios da sensualidade, da fertilidade e do prazer expressos mais por vivências e imagens do que por palavras. A consciência é estruturada e opera em grande proximidade e intimidade com o inconsciente, daí operar na calorosa intimidade do próprio corpo, das emoções e das pessoas com grande predomínio de Eros. Neste dinamismo arquetípico se elaboram as grandes vivências sensuais do processo de desenvolvimento da personalidade.

O dinamismo patriarcal (Arquétipo Patriarcal) estrutura a consciência através de princípios da tarefa e do dever codificados abstratamente em conceitos que tendem a operar dogmaticamente. A consciência é assim estruturada, relativamente distanciada do inconsciente, mais por palavras e conceitos do que por imagens. Este relacionamento precodificado se opõe à intimidade com as pessoas e o corpo, cultua o racional, afastando o irracional e o sensual e centralizando-se no poder e controle. Neste dinamismo são elaboradas competitivamente as principais tarefas do processo existencial.

O dinamismo de alteridade (Arquétipos da Alteridade, da Anima e do Animus) estrutura a consciência através do encontro entre o Eu e o Outro no nível criativo e

dialético. Esse tipo de encontro pressupõe, por um lado, a percepção, confronto democrático e aceitação das diferenças entre o Eu e o Outro, e por outro, um relacionamento que denomino quaternário, porque tanto o Eu quanto o Outro estão dispostos a perceber e refletir sobre os seus aspectos positivos e negativos, o que possibilita troca de papéis e mutualidade na relação.

Como conseqüência do relacionamento quaternário no dinamismo de alteridade ocorre uma vivência muito mais extensa e profunda dos símbolos cuja elaboração pode, assim, ir muito além daquela que ocorre nos dinamismos matriarcal e patriarcal. Neste dinamismo, se desenvolvem tanto a individualidade profunda quanto a percepção da relação Eu-Outro como expressão da totalidade do processo existencial. A relação democrática entre o Eu e o Outro propicia vivências de busca e criatividade no nível artístico, científico, religioso, sócio-econômico, político e conjugal. Ativado já na infância, mas fortemente na adolescência com a maturação das glândulas sexuais, este dinamismo se reintensifica outra vez na chamada "*crise dos quarenta*" ou metanóia.

O dinamismo de totalidade (Arquétipo da Totalidade) estrutura a consciência com a compreensão do sentido do processo existencial como um todo a cada momento em que é ativado. Sua função é fornecer uma síntese instantânea do conjunto das inúmeras polaridades dos símbolos (alegria e dor, saciedade e frustração, mocidade e velhice, certo e errado, bem e mal, sucesso e fracasso, saúde e doença, luz e sombra, indivíduo e cultura, vida e morte, finitude e eternidade) que constituem as vivências do ser-no-mundo.

Na personalidade individual, os quatro dinamismos arquetípicos são constelados e interagem no decorrer da vida, incluídos nas várias dimensões do Self, como, por exemplo, a individual, a familiar, a cultural, a planetária e a cósmica. Assim sendo, devemos considerar que apesar de variar a dominância de cada um dos arquétipos regentes dependendo das circunstâncias existenciais, os arquétipos regentes formam um quaternio arquetípico regente, tendo ao centro o Arquétipo Central, quaternio arquetípico esse que é o fundamento arquetípico de todas as dimensões e expressões do Self. Assim sendo, é fundamental conhecermos os quatro padrões ou dinamismos arquetípicos da consciência, pois a ativação ou dominância de qualquer dinamismo arquetípico interage, disputa e afeta os demais dentro do funcionamento do quaternio arquetípico básico. Disto se conclui que a atividade de um dinamismo arquetípico modifica sempre todos os demais dentro do Self.

Os arquétipos são matrizes coordenadoras da atividade psíquica, mas até hoje ainda não foram vistos por nenhum mortal. Eles são os "*eidos*", os protótipos idealizados, como dizia Platão. Até hoje isso confunde muito os seguidores de Jung, sobretudo,

porque como Jung deixou a formação do Ego para Freud, às vezes parece que o Ego e o Arquétipo podem existir em separado, da mesma forma que procederam emocionalmente os dois pioneiros. Há Junguianos que acham que os arquétipos "fazem" coisas. Mas não. Eles são padrões de relacionamento. Por si nada fazem. Quem faz as coisas é o Ego (na consciência ou na Sombra). No entanto, os padrões ou dinamismos arquetípicos estão sempre presentes. São inevitáveis. Expressam-se através dos Símbolos. E tudo na vida é símbolo. O acordar de manhã, o travesseiro saudoso, a escova de dentes, o sapato, o chuveiro, a água. Quantos símbolos. Quantos significados cada um contém! Quando são poucos os significados, chamamos os símbolos de sinais, mas, os sinais continuam sendo símbolos, porque seus significados expressam, em última análise, a ação coordenadora do Arquétipo Central dentro do todo que é o Self. Por isso, dizemos que tudo na vida é um símbolo do Self porque tudo na vida tem significados existenciais.

Os símbolos são os transformadores da energia psíquica através das vivências. São as vivências dos símbolos sempre coordenadas pelos Arquétipos que formam e transformam a consciência e a identidade do Eu e do Outro. Por isso, os símbolos na Psicologia são símbolos estruturantes e as funções que os exercem são funções estruturantes. O Arquétipo do Chamado na personalidade do Seu Gabriel foi ativado, isto é, se tornou manifesto através dos símbolos e funções estruturantes de prestar atenção nos sonhos e fantasias, de morar só, de construir uma casa e de adorná-la com mandalas de flores formadas com material do lixo. Tudo isto foram símbolos estruturantes na vida de Seu Gabriel.

A vivência arquetípica dos símbolos e funções estruturantes forma e transforma a psique e se denomina processo de elaboração simbólica. Este processo é a atividade corriqueira e principal da vida psíquica individual e coletiva. O Arquétipo do Chamado influenciou o processo de elaboração simbólica da construção da Casa da Flor, dentro das fantasias, dos sonhos e da relação com Deus, de tal forma na personalidade de Seu Gabriel que ele se transformou num missionário, a casa num templo e as flores na beleza da divindade. Criatividade, arte, misticismo, dedicação, transcendência, amor, todas funções estruturantes centrais na elaboração destes símbolos estruturantes que expressaram os Arquétipos no caminho deste ser alguém. (veja o gráfico no final)

A IDENTIDADE ÔNTICA E ONTOLÓGICA

Sob a influência de Heidegger, defino como identidade ôntica as características parciais da personalidade e como identidade ontológica as características que expressam

o modo de ser único de cada processo existencial (o processo de auto-realização único para cada pessoa e, por isso, chamado processo de individuação por Jung (3).

À medida que a identidade se forma e se transforma através da elaboração simbólica nas vivências individuais, familiares e culturais, percebemos claramente, dois fatores atuantes. No primeiro, vemos características ônticas isoladas hereditárias e adquiridas: dotes físicos e psíquicos, moradia, status-social, pais, irmãos, casamento, filhos, profissão, religião, trajes, ideologia etc. No segundo, delineamos um processo característico da pessoa que, apesar e através das suas características ônticas, estrutura uma trajetória única de ser-no-mundo. Vai-se formando, assim, a identidade ontológica, que será muito propiciada pelos Arquétipos da Alteridade, da Anima (homem) e do Animus (mulher) no que Jung denominou Processo de Individuação.

Vemos, assim, que todas as características da identidade ôntica tendem a se tornar símbolos estruturantes da consciência durante a vida, contribuindo lenta, mas inexoravelmente, para a formação da identidade ontológica que expressa individualmente o processo existencial.

Como já foi dito, cada dinamismo e cada vivência arquetípica ocorrem de forma característica para cada pessoa e cada cultura. A constelação dos arquétipos e seus símbolos depende de inúmeros fatores adquiridos, mas inclui também a constituição inata da personalidade ou seja, fatores arquetípicos gerais e particulares, que já estão presentes ao nascer, e que podem se acentuar durante a vida, como é o caso dos dotes sensoriais da musicalidade, da habilidade manual ou atlética, da memória, da capacidade de abstração, da expressão estética, da necessidade mística etc.

No caso dos Arquétipos da Alteridade, da Anima e do Animus, estes atingem a individualidade no que ela tem de mais profundo e adquirem, assim, a forma de um chamado existencial, pelo fato de coordenarem a interação das polaridades que surgem durante o processo. Quando a constelação destes arquétipos é intensa, a diferenciação da identidade ontológica se torna algo tão essencial que seu não atendimento pode conduzir a uma verdadeira catástrofe existencial, cujas conseqüências atingem, até mesmo, a doença física grave, a loucura e a morte. São pessoas cuja constelação de símbolos dos Arquétipos da Alteridade, da Anima e do Animus adquire tal pujança que o atendimento ao chamado existencial de artista, pesquisador, místico, político ou amante se equaciona com a própria razão de ser. O Arquétipo do Chamado foi intensamente ativado na personalidade de Seu Gabriel junto com a dinâmica do Arquétipo da Alteridade (Arquétipo da Anima).

"Isso não é só de mim. Eu tenho uma idéia, tenho uma idéia qualquer, Deus me deu uma coisa para fazer, isto que vem um aviso, vem aquela coisa no sentido, no sonho, no pensamento que eu faço, porque a pessoa só por si fazer isto não creio que faz nada não. É uma coisa que vem na idéia. O sonho. Tudo isso é sonho e pensamento que eu faço essas coisas."

O INDIVÍDUO EXTRAORDINÁRIO E SEU PAPEL CULTURAL

Erich Neumann destacou o papel de indivíduos extraordinários e a importância do seu Processo de Individuação na transformação histórica de cada cultura (4). É importante nos darmos conta, porém, que os dotes exuberantes de transformação criativa destes indivíduos ocorrem dentro do processo de desenvolvimento simbólico de sua personalidade comum a todas as pessoas. A interação indivíduo-cultura é uma das polaridades essenciais do Self Cultural, que defino como a interação global das forças conscientes e inconscientes de uma sociedade.

Por mais extraordinárias que sejam as vivências destes grandes indivíduos, elas não os transformam em seres de duas cabeças. O medo que as pessoas têm do Arquétipo da Alteridade (da Anima e do Animus), enquanto diferenciadores de sua identidade ontológica, é que tende a rotular defensivamente estes indivíduos de algo extraordinário que impede sua interação normal com o resto da comunidade. Assim, ao mesmo tempo em que os elogiam, os afastam. Através desse expediente defensivo, o dinamismo de alteridade fica bloqueado e o apego aos padrões matriarcal e patriarcal continua a ser exercido automaticamente, dificultando a diferenciação individual e social. Quantos expedientes já foram usados, por exemplo, para afastar o Mito Cristão e a figura do herói messiânico de Alteridade de nossa vida diária, apesar do Mito ser essencialmente o Mito da encarnação? Quantos cristãos praticantes não optam por adorar o Cristo morto na cruz e de encontrá-lo no Juízo Final, ao invés de conviver com ele no dia-a-dia dos seus ideais, frustrações e esperanças?

É difícil concluirmos se em nossa espécie há mais aversão à doença ou à mudança diferenciadora. Teoricamente, tendemos a achar que a aversão à doença deveria de longe preponderar, mas a experiência nos mostra que não necessariamente. Claro que por mudança não me refiro ao consumo de novidades e sim às transformações diferenciadoras da mentalidade e da identidade. A explicação parece ser que a vida pode trazer tanto sofrimento que o apego à identidade ôntica já construída pode ultrapassar até mesmo o apego à saúde. O novo, mesmo alvissareiro, é simultaneamente admirado e

temido. É que, ao mesmo tempo que as mudanças podem nos trazer progresso e encaminhamentos mais produtivos para problemas existenciais, elas podem, também, nos trazer confusão, desordem, sofrimento e até o caos e resultar na retomada reacionária das tradições em condições ainda piores daquelas em que eram antes exercidas. Quantas vezes comprovamos isso no consultório, em casa e na política!

Parece-me claro que o Arquétipo do Missionário se constelou na personalidade de Seu Gabriel dentro do dinamismo de alteridade, pelo fato de sua missão de construir a casa se realizar num dinamismo dialético da relação Eu-Outro em função da arte subordinada à totalidade. A casa como Outro fascinou o Eu para uma vivência dialética e criativa que o atraiu em função de um todo incomensurável vivenciado por Seu Gabriel como a vontade de Deus, a ele revelada paulatinamente durante o desenvolvimento da obra. A imaginação e o sonho interligaram o Eu, o Outro e o Todo de forma esotérica ou seja através de uma vivência afetiva e intuitiva de origem inexplicável racionalmente e revelada por símbolos(6). A construção da casa se tornou, assim, uma ocupação criativa inerente a uma vocação existencial inseparável do significado da vida.

Não se trata de realizar uma tarefa e atribuí-la ou dedicá-la a um culto religioso. Passa-se nestes casos algo diferente. A pessoa sente e intui a realização da tarefa como algo simbólico que constrói seu todo existencial e sua relação com o cosmo. A tarefa é mais que um dever. É um chamado para desempenhar uma intenção maior que a vontade pessoal. É importante lembrar que a palavra vocação vem do verbo vocare que, em latim, quer dizer chamar. O indivíduo pode até tentar explicar aos outros racionalmente o que está acontecendo, mas sabe que eles não o entendem a menos que também tenham essa capacidade de conhecimento esotérico, afetivo e intuitivo das manifestações arquetípicas do Arquétipo Central do Self.

Não se trata de um chamado no nível matriarcal, como a criança guiada pela curiosidade para descobrir seu corpo ou o migrante que parte em busca de terras mais férteis. Nem também ocorre ele dentro do dinamismo patriarcal, caso das missões conhecidas e precodificadas como, por exemplo, do atleta que treina obcecadamente para derrubar um recorde, ou da construção de uma ponte. Não é o caso também de um místico como Ramana Maharshi, que aos dezesseis anos, recebeu seu chamado para a vida monástica contemplativa e que, por isso, situo no dinamismo do Arquétipo da Totalidade.

O chamado de Seu Gabriel se expressa dentro de um processo criativo com etapas muito diferentes que duram toda a sua vida. *"Tudo caquinho transformado em*

beleza." É um chamado da criatividade existencial permanente construído no por seu relacionamento com o Todo, através da interação das partes.

Neste dinamismo de alteridade, situo o chamado dos artistas, cientistas, políticos, amantes e místicos, cuja vida é dedicada a um processo de transformação, que transcende e engloba funcionalmente o Eu, o Outro e sua interrelação criativa em função da totalidade. Seu Gabriel é um operário artista popular ("*eu fiz tudo com as minhas mãos*"), mas sua obra não se subordina somente à estética, mas à comunicação direta com Deus, o que faz dele também um místico.

"E foi-se indo, foi-se indo e eu fazendo sempre com aquela força de coragem, pedia sempre a Deus que eu não desanimasse em fazer a obra, que eu fizesse sempre, não parasse."

É na adolescência, junto com o amadurecimento hormonal sexual, que se ativam, pela primeira vez, extraordinariamente, os Arquétipos da Anima no homem e do Animus na personalidade da mulher. A relação criativa e igualitária da polaridade Ego-Outro é aí ativada de forma exuberante. De início, costuma aparecer a procura homoafetiva do Outro. São as patotas. Depois, a heteroafetiva. Começam os namoros. O Outro, porém, pode se apresentar de inúmeras formas simbólicas e não exclusivamente sexuais, mas todas elas fascinantes: idéia, emoção, política, criatividade. A Anima e o Animus constelam o encontro no nível da alteridade de várias maneiras.

"No tempo que tinha quinze anos, estava muito criança, me veio uma visão de fazer uma casa, uma casinha..."

Seu "*encontro*" é com a construção de uma casa. Este será o símbolo estruturante central de sua vida. Trata-se da construção do templo como imagem arquetípica da "Casa de Deus" dentro da qual será reverenciada a divindade pela criação estética. Primeiramente, faz uma capela de santos auxiliado por familiares para festejos. Com o tempo, esse contexto se tornou insatisfatório. Vê-se que o novo não pôde ser expresso integralmente dentro do modelo tradicional católico da capela de santos. O fato de ser uma capela de Santo Antonio, o santo festeiro dos namorados, pode ser significativo, pois o chamado de Seu Gabriel incluía o celibato. É comum tentarmos acondicionar o vinho novo em pipas velhas. São coisas do Ego e da Persona, repetindo as tradições através do apego nos dinamismos matriarcal e patriarcal. Quando se trata de algo único e inovador, porém, os caminhos tradicionais geralmente são insuficientes e necessitam de reformulações conseguidas por elaborações simbólicas dentro do dinamismo de alteridade.

Com o final da adolescência e a chegada da vida adulta, o símbolo da construção da casa começa a se integrar às características únicas da identidade ontológica e a se transformar num projeto de vida.

"Em 1912 (20 anos), eu tive um sonho... para fazer uma casinha aí perto... para eu viver sozinho."

Uma casa construída para morar sozinho é um símbolo com muitos significados. A casa é um dos muitos símbolos que representam a totalidade da personalidade, que Jung definiu como Self. Sua analogia com o corpo humano ou qualquer organismo vivo é evidente. Mesmo sendo um objeto inanimado, com essas conotações simbólicas, a casa se "*anima*" muito. É construída, cresce, termina, é habitada e um dia envelhece e decai. Tem pés, corpo, cabeça, olhos e boca pela qual entramos para nos proteger, alimentar e descansar. Suas janelas são os olhos através dos quais vemos o mundo lá fora, suas paredes, nos abrigam e delimitam nós e eles. Um dos testes expressivos mais simples é o HTP (*house, tree and person*) que interrelaciona a casa, a árvore e a pessoa através de um simples desenho.

A casa, por um lado, simboliza o Ego. Nos identificamos com ela. É a nossa casa. "Na minha casa mando eu, os incomodados que se mudem." Ela contribui como determinante de nossa posição social dentro da identidade ôntica. Mas, ela também simboliza nossa totalidade, o conjunto das forças conscientes e inconscientes bem maior que o Ego que é o Self e isso nos remete à identidade ontológica. Afinal, dormimos e sonhamos, acordamos, fantasiemos e nos alimentamos dentro dela. Como o Self é maior e contém o Ego, a casa é bem maior que nós e abriga tudo o que possuímos, inclusive nossa família.

A casa de Seu Gabriel tem, desde o início, conotações especiais que corresponderão a marcos de sua identidade ontológica. É para ele morar nela sozinho. Uma vez habitada, adquire uma segunda característica. Lá não se come, só se dorme. Aparecerá com o tempo, uma terceira. A casa não acabará nunca. Ele trabalhará nela até o fim da vida. A quarta característica é a criatividade estética: Ela será "*a casa da flor*". E, finalmente, a quinta, é que ela será adornada com material encontrado no lixo.

Estas cinco características particularizam bem mais este símbolo expresso pela Anima, tornando a elaboração do seu encontro a partir da fantasia e do sonho algo tão individual e marcante que dá direção e sentido a este processo de individuação.

"Esta casa não é uma casa. Eu não quero que esta casa seja uma casa. Isto é uma história. É uma história porque isso foi feito por pensamento e sonho."

Morar na casa, sozinho separa-o não só do mundo, mas, também, dos semelhantes. Diz um ditado popular que *"quem casa, quer casa, longe da casa onde casa"*, mostrando que o casamento nos diferencia da família original através do marco da casa nova. No nível arquetípico este é um dos marcos importantes através do qual o conflito entre os Arquétipos da Anima e do Animus com os arquétipos parentais impulsiona a individuação.

Seu Gabriel, aos vinte anos, na idade de namorar e casar, começa a separação dos seus, pela construção da casa em que morará só. Escolhe, assim, a solidão e o celibato. Com isso, elege a casa sua companheira e sua igreja e, monasticamente, preenche o vazio da solidão com sua criatividade devotada à totalidade.

"Moro sozinho, nunca me casei, moro sozinho, tenho intuição que não posso, não houve nada que eu pudesse casar. Fiquei solteiro, fiquei velho, não me casei, mas tudo isso é pelo dom de Deus que já me deu essas coisas, não é? Deus é quem manda fazer essas coisas."

É da maior importância discriminar aqui as funções simbólicas estruturantes da solidão e do celibato nos dinamismos patriarcal e de alteridade para melhor compreendermos o que essa *"decisão"* significou na estruturação da consciência de Seu Gabriel.

O dinamismo patriarcal impõe dogmaticamente, o de alteridade revela. Por isso, na maior parte das vezes, o dinamismo patriarcal surge para o Ego como uma imposição exterior, um superego ao qual ele precisa se submeter. O Ego pode até achar a ordem necessária e racional, mas nem por isso deixa de senti-la como algo imposto, até por ele próprio, ao comportamento.

Jung descreveu o princípio da sincronicidade como uma coincidência significativa acausal e reconheceu uma relação entre a ocorrência da sincronicidade e a ativação dos arquétipos. Continuando essa concepção de Jung, concebo a sincronicidade como o princípio operativo da consciência no dinamismo de alteridade, quando a elaboração dos símbolos estruturantes é regida pelos Arquétipos da Anima e do Animus. Segundo esta perspectiva, a sincronicidade é um padrão de funcionamento muito importante da consciência que interrelaciona significativamente os acontecimentos independentemente das explicações pelo princípio da causalidade. Uma pessoa comunica a outra a sua tristeza. Os dois se comovem. De repente, uma borboleta azul pousa ao seu lado. Eles se comovem mais ainda. Sem saber porque, relacionaram a borboleta, com a tristeza que sentiam. O símbolo da borboleta azul com seus inúmeros significados de delicadeza, leveza, vulnerabilidade, efemeridade, ser extraordinário e verdadeira obra prima da

natureza, de alguma maneira, pode influenciar e contribuir para tornar aquela vivência de tristeza algo simbólico e importante para o processo existencial.

Assim, de forma misteriosa, a sincronicidade traz grandes ensinamentos sobre a natureza da vida e estrutura a consciência com vivências da maior importância para o seu desenvolvimento. Mesmo desavisadamente, a sincronicidade nos influencia e faz desenvolver. No entanto, se reconhecemos o seu valor e a cultivamos como um padrão de funcionamento psíquico, usufruímos muito mais do seu potencial estruturante. A sincronicidade nada tem a ver com a magia matriarcal, pois esta é desencadeada e exercida pelo desejo e a vontade enquanto a sincronicidade, ou ocorre espontaneamente ou é propiciada pelo Ego, ao invocar um oráculo, por exemplo, mas sempre se submetendo conscientemente a uma dimensão transcendente ao Ego (a dimensão arquetípica). A sincronicidade é a magia que aumenta os significados da vida humana na ordem do mundo. Para compreendê-la, no entanto, é preciso ter olhos para vê-la.

O dinamismo de alteridade, mesmo quando buscado, surge na consciência como uma revelação por sonho, fantasia, intuição ou simplesmente surge. Ele é o Zen, o Tao ou a Graça. Seu princípio de associação com a consciência não é o da lógica aristotélica ou patriarcal, dedutiva ou indutiva, mas o da lógica da existência. A lógica da sincronicidade é a lógica da imensidão e da eternidade do Cosmos. É a lógica das coisas como simplesmente são. A sincronicidade nos revela a verdade do Ser. Nesta conotação misteriosa e íntima, este princípio se assemelha ao dinamismo matriarcal na liberdade e na espontaneidade e, ao patriarcal, na diferenciação e na manutenção coerente da identidade do Eu e do Outro, mas, no entanto, deles se diferencia e transcende por não se subordinar necessariamente, nem ao desejo e à fertilidade, nem ao dever de executar tarefas predeterminadas. É que o dinamismo de alteridade apresenta, freqüentemente, a conotação de uma missão que necessita ser mais atendida que cumprida. É uma missão moral que engaja o Ego não numa tarefa, mas, sobretudo num chamado para a compreensão e a dedicação a um processo, verdadeira conversão à busca da identidade ontológica que, assim, se torna tema existencial.

É ridículo reduzir a explicação da paixão a uma ou mais causas. Dois seres com caminhos próprios e misteriosos um dia se encontram. Algo de extraordinário ocorre. Como a combinação química dá origem a um terceiro elemento, o encontro significativo produz a paixão com suas quimeras. Tentar explicá-la só casualmente por um dos seus componentes hormonais, afetivos ou etários, é reduzi-la e mutilá-la. O encontro é passado, presente e futuro. Abrange o espaço e o tempo existencial. É simultaneamente causal e teleológico. O encontro assinala o nascimento de um símbolo fortemente

significativo com um sem-fim de componentes e significados. Temos que recebê-lo como revelação, como o mistério da vida explicando-se através de si mesmo.

Se tentarmos determinar a paixão e organizá-la dentro do que já conhecemos e fazemos, ela se fere, morre, se vai. Sem recebê-la como revelação de um símbolo estruturante novo que nos vem transformar, não conseguimos elaborá-la e integrá-la com amor. Quando ela se vai sem integração, vira alma penada e encosto. Na consciência, fica o vazio deprimente do sem-sentido, que corresponde em nosso inconsciente (em nossa Sombra) a um símbolo deformado cuja expressão será para sempre inadequada. Nesses casos, somente uma elaboração simbólica existencial trabalhosa pode evitar problemas sérios de desadaptação.

Mas, como já disse, o Outro na vida de um homem, não é só mulher e vice-versa. Pode ser vocação e criatividade profissional e incluir abstinência sexual. Da mesma forma que a paixão por uma mulher é acompanhada de fidelidade emocional e tende a nos desapegar de todas as outras por mais doces e lindas que sejam, a vocação por um símbolo pode excluir muitos outros. O dinamismo de alteridade luta com os dinamismos matriarcal e patriarcal através do desapego. É importante lembrar que os dois mitos centrais da expressão do Arquétipo da Alteridade, o Mito do Cristo e do Budha, têm como tema central o desapego.

É natural que a elaboração intensa de uma atividade psicológica específica exija dedicação a ela, quando não exclusiva, pelo menos restritiva de muitas outras atividades. No plano arquetípico, a diferenciação do Arquétipo da Alteridade (da Anima e do Animus) se faz transcendendo a eventual dominância dos demais arquétipos regentes, sobretudo pelo desapego da dominância dos arquétipos parentais, ou seja, do Arquétipo Matriarcal e Patriarcal. A diferenciação da Anima e do Animus ocorre, então, dentro de uma exuberante luta de arquétipos.

Como mencionei no início, os arquétipos regentes estabelecem verdadeiros padrões de funcionamento da consciência que tipificam a relação Eu-Outro de forma muito abrangente. Assim, o Arquétipo Matriarcal propicia a sensualidade de tal modo que o apego aos sentidos físicos é grandemente intensificado. Daí compreendermos o significado do celibato sexual, do não comer na casa e de nela dormir sozinho. É interessante e original a associação destas três formas ascéticas tradicionais de desapego terem ocorrido espontaneamente na imaginação de Seu Gabriel.

A repressão simplesmente patriarcal da sexualidade e dos prazeres da mesa diminui extraordinariamente o apego matriarcal às custas do aumento correspondente do apego ao poder no dinamismo patriarcal. A repressão pode suprimir a função, mas nem

por isso nos desapega dela. Pelo contrário, pode até estabelecer um apego inconsciente permanente. O desapego exercido no dinamismo de alteridade, em função de um chamado subordinado ao todo, aguça muito a diferenciação dos Arquétipos da Anima e do Animus e pode aumentar, proporcionalmente, a capacidade criativa e diferenciadora do Ser. Ao mesmo tempo que este desapego ao dinamismo matriarcal propicia a diferenciação da Anima, ele matiza o símbolo da casa com a conotação do sagrado e o delimita do profano. O apego sensual característico do dinamismo matriarcal mantém a elaboração simbólica dentro dos significados mais óbvios e literais dos símbolos, impedindo perceber amplamente seus significados mais "espirituais", ou seja, mais profundos, sofisticados e complexos. A vivência da casa no nível da alteridade dentro do Arquétipo do Chamado torna a Casa da Flor um templo e o próprio trabalho de ampliação e preservação, uma ocupação ritualística e monástica.

Se, por um lado, vemos o desapego ao dinamismo matriarcal expresso pela abstinência sexual, alimentar e de companhia, por outro, percebemos o desapego ao dinamismo patriarcal pela desvinculação do trabalho na casa de qualquer compromisso subordinado a exigências predominantemente convencionais, como o rendimento ou fonte comercial de subsistência pelo rendimento em si. Aposentado aos 68 anos do seu trabalho nas salinas, Seu Gabriel considerou-se livre do trabalho subordinado predominantemente ao salário, para se dedicar completamente ao seu trabalho criativo. As funções estruturantes da criatividade, da liberdade e do amor são inseparáveis.

"Não voltarei mais nunca ao trabalho. Estou aposentado por Doutor Geraldo no dia 25 de julho no ano de 1960. Agora até o fim, Gabriel Joaquim dos Santos estou liberto para sempre."

O dinamismo de alteridade não é incompatível com o trabalho remunerado. Até mesmo na realidade mítica, Hermes (mensageiro de Zeus, intermediador do todo divino com as particularidades humanas, guia das almas entre este mundo e o outro) é o patrono das trocas comerciais.

A intensificação matriarcal e patriarcal trazidas pela atividade remunerada, podem favorecer sobremaneira o apego ao consumo e ao poder e às obrigações contraídas para mantê-los. Jesus afirma nos Evangelhos - *"É mais fácil um camelo passar no fundo de uma agulha que um rico entrar no reino dos céus."* (Mc 10:25) A riqueza de um modo geral e a subordinação do trabalho ao salário em detrimento da criatividade podem dificultar e até inviabilizar a diferenciação da Anima e do Animus. Isto explica, por exemplo, o fato de muitas pessoas dotadas de capacidade de vidência e premonição não cobrarem honorários para não prejudicar seus dons. Nós analistas, sentimos diariamente

o quanto o fator monetário pode limitar a profundidade da nossa vivência psicológica e das pessoas que nos procuram. Além do elitismo comercial, o acontecer do encontro é cerceado por se tratar de uma atividade patriarcalmente remunerada e delimitada no espaço e no tempo. O pagamento da análise pode fortalecer resistências nos dois sentidos. Há pessoas que racionalizam não fazer análise para economizar, mas há outras que pagam, para fingir que estão se transformando, para apaziguar defensivamente sua consciência e para consumir mais um modismo. Da mesma forma, o analista freqüentemente vive a tensão entre atender casos que mais correspondem à sua criatividade profissional e não podem pagar uma análise e aqueles que podem pagar, mas cujos problemas existenciais não correspondem à criatividade profissional do analista. Quando um analista cede ao atendimento primariamente baseado na capacidade de pagamento do cliente, ele corre o risco de atrofiar sua criatividade e mutilar sua vocação. Os dinamismos matriarcal e patriarcal têm a capacidade de engolir, asfixiar ou mutilar literalmente o dinamismo de alteridade e o processo de individuação.

A CRIATIVIDADE ESTÉTICA E O SÍMBOLO DA FLOR

Seu Gabriel sempre fora também artista.

"Nesses tempos da minha mocidade eu trabalhava de pintor. Eu era florista, comprava papel crepom, fazia flor, vendia flor. Eu sou florista. Muitas pessoas vinham aqui, encomendavam flor, ramagens bonitas, umas rosas bonitas de papel. Fazia flor, fazia pintura, fazia pintura nos papéis para vender, eu era desenhista. Gastava as minhas tintas, era lápis de cor, ainda tem lápis aí. Fazia barco, fazia figurino, eu venho com essas coisas do meu nascimento."

Como dispunha somente dos momentos de lazer para criar, levou quase onze anos para construir a casa.

"Ora muito bem, passou-se os tempos, que quando foi no ano de 1923 acabei a obra da casinha e aí veio um pensamento de fazer esta casinha enfeitada."

Com isso abre-se uma nova e importante etapa no desenvolvimento simbólico da personalidade de Seu Gabriel. Ao seu chamado místico vem reunir-se sua criatividade estética. O desapego progressivo dos dinamismos matriarcal e patriarcal deve ser aqui vinculado à diferenciação do Arquétipo da Anima. Surge, assim, com grande pujança a criatividade para enfeitar a estrutura acabada. Em meio ao despojamento psicológico e material da pobreza em que vivia, após a constelação da dimensão estética, a personalidade alça vôo para a totalidade através da mandala do símbolo da flor. Mandala

em sânscrito quer dizer círculo mágico pelo fato de ser uma construção geométrica arredondada usada milenarmente na Índia para meditação. Jung demonstrou que seu poder simbólico reside no fato de ser um símbolo da totalidade latente do Self.(7)

"Sempre eu sonhava que eu não desanimasse em fazer a obra, que eu fizesse sempre. O primeiro enfeite foi uma flor de caco de garrafa. Fiz a florzinha e gostei muito quando fiz aquela florzinha com um bocadinho de barro e preguei na parede. E daí continuei a fazer o trabalho. Apanhava caquinho de telha, fazia. Depois pensei em fazer umas garrafas de barro, eu mesmo é que fazia e na mesma jarra de barro a gente fazia aquelas flores de pedra, flor de caco de telhas, fazia flor de outros material."

A criatividade estética, englobada agora pela estrutura arquetípica do chamado, convergiu para o símbolo da flor que inundou o "templo" com tal profusão que o caracterizou definitivamente como a "casa da flor".

Mas, como enfatizei no início, na dimensão psíquica tudo é símbolo, tudo é mensagem estruturante do Self para diferenciar a consciência. Inclusive a flor. E que símbolo extraordinariamente arquetípico é a flor!

O SÍMBOLO DA FLOR

Complementando o método Freudiano da livre associação, Jung descreveu o processo de amplificação para a elaboração dos símbolos. Trata-se de encontrar contextos culturais onde surge o símbolo para organizar à sua volta uma teia cujos fios desvelam significados. No caso do símbolo da flor, uma biblioteca inteira seria ainda insuficiente para abrigar toda sua amplificação. Apontarei aqui apenas algumas delas para se ter uma pequena idéia da sua imensidão. Começemos pelo maior, pelo Todo.

A flor é uma mandala que Jung reconheceu como uma das principais imagens do Arquétipo Central. As mandalas expressam a totalidade psíquica através de formas geométricas concêntricas, freqüentemente raiadas e subdivididas em partes simétricas, exatamente o papel desempenhado pelas pétalas na circunferência da flor. Foi como se a imaginação consciente e inconsciente de Seu Gabriel houvesse escolhido um símbolo na dimensão estética que fizesse jus ao significado da construção da casa no seu processo de individuação. Assim como a coroa, também uma mandala, pode expressar a totalidade do poder monárquico no nível coletivo, a flor como símbolo estruturante dominante veio atestar a pujança da obra criativa naquela determinada personalidade.

A flor é um símbolo de afetividade. "Say it with flowers" (diga-o com flores) é o convite para os namorados feito pelas lojas americanas de flores. Quantos poemas de

amor foram expressos com suas imagens. As flores expressam toda a gama de sentimentos, do amor ou da própria vida, desde o primeiro encontro, até o último adeus.

Dentro da tipologia Junguiana, é muito provável que Seu Gabriel tenha sido do tipo psicológico sentimento-intuição com atitude introvertida. Sendo esse o caso, sua tipologia coincide com a tipologia dominante do povo brasileiro, exceção feita à introversão. Faço esta afirmativa sobre nosso povo, intuitivamente, sem nunca ter feito nenhuma estatística. No caso de Seu Gabriel, a função sentimento parece ser dominante. Basta ver a quantidade de diminutivos carinhosos empregados em sua fala. Sua intuição exuberante é mais óbvia ainda. Quem, a não ser um grande intuitivo, construiria uma casa inspirado por Deus e estaqueada nos sonhos?

O que distoa de nossa predominante tipologia coletiva sentimento-intuitiva é a introversão dominante de Seu Gabriel em contraposição à exuberante extroversão brasileira. Disse-me uma vez um colega que *"nascer introvertido no Brasil, é uma condenação ou à neurose ou à criatividade isolada"*. Seu Gabriel seguiu o segundo caminho, no qual atingiu uma diferenciação única de sua personalidade, tão original que as próprias lideranças negras têm dificuldades em assumir o valor da sua vida e da sua obra.

Outra amplificação arquetípica importante do símbolo da flor é a analogia com o desabrochar da personalidade. A cor, o perfume e a beleza da flor, subordinados ao processo vegetativo do desabrochar, podem ser vivenciados como análogos ao fenômeno de abertura de dentro para fora da psique que se entrega ao significado da vida. *"Não adianta forçar as portas de Deus, escreveu Kierkegaard, pois elas somente se abrem de dentro para fora"*.

"Que sonho é esse? Como é que vou fazer essa flor de vidro? Só que apanhei cacos de vidro, apanhei um bocadinho de cimento, experimentei e fiz uma rosa de vidro e fiquei satisfeito com aquilo."

O Tao, a Graça, o Zen e o próprio insight são vivências que não podem ser explicadas causalmente, pois, como o desabrochar de uma flor, dependem da ocorrência da sincronicidade. É por isso que o Taoísmo, o Cristianismo e o Budismo valorizam tanto a equivalência das polaridades, principalmente na relação Ego-Outro. O *"amar ao próximo como a si mesmo"* e o *"virar a outra face"* (Cristianismo) enaltecem a importância do Outro na dialética do Ego tanto quanto a valorização do *"caminho do meio"* (Budismo) e a evitação de qualquer unilateralidade (Taoísmo). Percebe-se assim a totalidade acontecendo em função da relação dialética, criativa e igualitária das diferenças entre o Ego e o Outro.

Talvez a mensagem do Buddha no Sermão da Flor tenha sido que a verdade da alma desabrocha misteriosamente como uma flor. Conta-nos a lenda que, num sermão aos seus discípulos, o Mestre estendeu sua mão e abriu-a. Na sua palma, uma flor. Após certo tempo, sem nada dizer, encerrou sua prédiga. Os discípulos nada entenderam. Somente Ananda, o discípulo extraordinário, compreendeu a mensagem do Mestre.

No Budismo, é tão forte a percepção da analogia entre a diferenciação da personalidade e a natureza da flor que a própria posição de meditação, método através do qual foi edificada a sabedoria de muitas culturas orientais, é conhecida como a posição de lótus. Nesse sentido, o caminho da iluminação é ilustrado de forma exuberante ao se reconhecer, numa simples flor de lótus, o próprio Buddha.

A tradicional arte floral japonesa, a Ikebana, desenvolve ritualmente a percepção simbólica da flor. Ike significa vivificar e bana quer dizer flor. O arranjo floral consiste em colocar cada flor de forma especial num vaso, realçando a sua presença e compondo sua relação com outras flores e folhagens nas dimensões do espaço: altura, largura e profundidade. A ikebana nos permite simbolizar (vivificar) a flor, ou seja, desvelar significados através da dimensão estética. Foi esta a via seguida por Seu Gabriel ao "*vivificar*" a mandala da flor como o principal adorno da casa.

Dentre as incontáveis analogias da flor com o processo de diferenciação da consciência, esse verdadeiro desabrochar psicológico, encontra-se o texto antiqüíssimo da alquimia chinesa "*O Segredo da Flor de Ouro*", um caminho para a vivência do Self através da meditação. Esse texto tem especial importância para a obra de Jung. Trazido para a Europa por Richard Wilhelm, o célebre tradutor do I Ching, foi por ele enviado a Jung em 1928, no momento em que estudava as mandalas e concebia o Arquétipo Central como centro unificador da psique.(8) Foi através deste texto e do simbolismo sapiencial da obra alquímica, que Jung se dirigiu à alquimia européia e resgatou seus significados psicológicos.

Podemos assim dizer que ao escolher a flor como o ornamento estético dominante da sua casa, construída por um chamado de Deus como a obra central de sua vida, Seu Gabriel estava expressando a conjunção da religiosidade, da arte e da diferenciação existencial da personalidade através da dimensão simbólica.

Falta-nos ainda refletir sobre um componente sócio-econômico indispensável para a compreensão do significado simbólico da missão de Seu Gabriel. Como fazer uma flor decorativa para uma casa religiosa sem a disponibilidade financeira necessária para a aquisição de materiais decorativos, habitualmente de custo tão elevado?

"Pensei: a gente pra comprar enfeites não tinha posse, não tinha dinheiro para comprar certas coisas. E então imaginei de apanhar aqueles caquinhos de louça no lixo".

A falta aguça a inteligência, a imaginação e a criatividade humana na busca de novos caminhos. Ao encontrar o material para a expressão estética de sua criatividade no lixo, que ele mesmo denomina de *"resto das grandes cidades"*, Seu Gabriel ilumina com significados a sombra da civilização de consumo com seu desperdício, poluição e falta de originalidade, criatividade e poesia no dia a dia de suas atribulações. Este passo criativo, dentro do despojamento absoluto, é um dos símbolos mais diferenciados e sábios no Processo de Individuação de Seu Gabriel. A força do Arquétipo da Anima passa a se nutrir daí por diante também no aspecto marginal e extraordinário do material criativo. Mais do que um artista de vanguarda que cria com materiais descartados, Seu Gabriel passa a cultivar esteticamente a totalidade a partir do despojamento absoluto do lixo, o que intensifica o papel do desapego e da transcendência em sua obra.

"Aqui em Cabo Frio tem casa, tem palacete, palácio, mas é casas bem organizadas, é a força da riqueza e a força da engenharia. Mas eles vêem aqui a força da pobreza. Eu quero é que eles se admirem é a força da pobreza... O pessoal vem aqui para ver a casa feita do nada."

Assim como os alquimistas chamavam a atenção para a pérola perdida na lama, Seu Gabriel nos ensina o caminho da busca de totalidade através do trivial e do despojado em nossa vida, em momento algum para a dignificação ideológica da humildade mas, simplesmente demonstrando sua pujança para atingir o todo. Trata-se de um exemplo de sabedoria existencial de imensa profundidade.

Chegamos aqui ao sentido da vida de Seu Gabriel na interação do dinamismo de alteridade da consciência regido pelo Arquétipo da Anima com o dinamismo de totalidade regido pelo Arquétipo da Totalidade. O que foi que seu mito individual revelou e que hoje nos enche de admiração e ensinamento? (9)

Do ponto de vista da identidade ôntica, vemos um humilde operário de descendência negra e índia, celibatário, dedicar-se à construção de uma casa dando vazão ao seu pendor religioso e artístico. Na perspectiva ontológica, percebemos um ser humano seguir seus símbolos através do sonho e da fantasia, em função de um chamado em direção à realização plena do seu potencial artístico, religioso e humano. Se durante quarenta e cinquenta anos predominou o dinamismo de alteridade com a realização criativa da missão existencial, daí por diante até o final da vida, aos noventa e dois anos, predominou o dinamismo de totalidade com sua característica consciência contemplativa.

Com o dinamismo de alteridade, vivemos a força do chamado, a coragem e dedicação em atendê-lo, o despojamento sacrificial da dominância de muitos aspectos dos dinamismos parentais necessário para construí-lo e o desenvolvimento da criatividade para expressá-lo em função do todo. Através do atendimento ao chamado, Seu Gabriel coordenou suas características ônticas e diferenciou sua identidade ontológica balizando seu processo existencial nos símbolos dos seus sonhos e fantasias e se realizando cada vez mais na integridade e na autenticidade imaginadas por seu Self.

A contemplação da obra e do ser inseparável dela são a grande vivência do dinamismo de totalidade desta personalidade que, certamente, teve um processo extraordinário para contemplar.

"Aprendi a fazer essas coisas todas sem mestre. Não tive mestre, aprendi no ar, aprendi no vento..."

E no final de tudo, a vivência de grande sabedoria atingida por aqueles que se dedicaram integralmente ao desenvolvimento psicológico do Ser e por isso perceberam, contemplaram e se extasiaram diante de sua profundidade incomensurável.

"Aí tem um mistério na vida que eu mesmo não posso compreender."

A CASA DA FLOR E A NEGRITUDE AMERICANA

Para terminar, acho importante abordar a temática da dadivosidade da mulher negra e do Arquétipo Matriarcal, lado a lado com o problema do Arquétipo da Totalidade e sua relação com a imagem do *"preto velho"* na identidade ontológica da negritude americana. De início, é importante diferenciar o estereótipo cultural do arquétipo que é sempre muito mais que um estereótipo. O arquétipo é o padrão matriz de todas as imagens, símbolos e possibilidades existenciais positivas e negativas, criativas ou defensivas, construtivas ou destrutivas de uma determinada dimensão existencial. O estereótipo é apenas uma pequena parte de um arquétipo, que se apresenta de uma determinada maneira idealizada ou denegrada na tradição cultural. As expressões Mãe Maria e Preto Velho têm sido interpretadas pelo Movimento Negro como estereótipos de submissão dos negros à uma condição de humildade, alquebrada e servil durante e após o período histórico da escravidão. Nesse caso, os estereótipos de Mãe Maria e de Pai João são o resultado da introjeção dos horrores da escravidão e do escravizador no Self Cultural das culturas negras escravizadas nas Américas. Sua identificação e rejeição é da maior importância para a verdadeira libertação das culturas negras na busca de identidade pós-colonialista das nações pluriculturais americanas.

Dentro dessa perspectiva correta, porém unilateral, ao meu ver, a diferenciação progressiva da identidade da negritude nas Américas tem levado muitos pensadores negros a repudiarem a imagem de Pai João e Mãe Maria como estereótipos da subserviência resultante da escravidão. A Cabana do Pai Tomás é dada como um grande exemplo desta condição. Em seu lugar se enaltece, por exemplo, no Brasil, a figura de Zumbi, herói dos Palmares, símbolo de bravura indomável, que morreu lutando contra o branco colonizador e escravizador.

Acho importante aqui marcar a diferença entre estereótipo e arquétipo, pois um repúdio generalizado da imagem do preto velho poderia confundir a personalidade de Seu Gabriel e de incontáveis outros negros que adquiriram notável diferenciação psicológica, com a de seres alquebrados, culturalmente submetidos e "*branqueados*" pela cultura escravizadora. O caso de Seu Gabriel, neste contexto, poderia ser ainda mais mal entendido devido à sua formação inicialmente Católica e sua conversão ao Protestantismo. De fato, Seu Gabriel por ser introvertido, talvez nunca tenha tocado pandeiro, dançado samba ou jogado futebol! Um promotor versado em psicologia poderia mesmo buscar na função de feitor de seu pai as raízes de sua identificação com o escravizador e explicar seu delírio persecutório aos oitenta e sete anos pelo retorno ameaçador da senzala sobre sua casa sob a forma de sua negritude verdadeira existencialmente reprimida.

De fato, não há como negar uma possível ligação simbólica entre o delírio psicótico persecutório que acometeu Seu Gabriel e seu pai nos últimos cinco anos da vida. Seu pai havia sido feitor de escravos, certamente a posição mais ambígua para um escravo e altamente propiciadora da identificação introjetiva com o escravizador. Esta introjeção reprimiria e negaria a identidade do escravo negro. Existe a possibilidade deste núcleo reprimido, durante a vida, ter emergido como conteúdo de um delírio psicótico senil. Esta possibilidade é reforçada pela forma do delírio do pai relatada pelo filho Gabriel: "*Aqui sinhá Leontina que estão me matando.*"

Da mesma forma, poderíamos ver a legião de seres que vieram povoar o delírio psicótico de Seu Gabriel, a partir dos 87 anos, como essas memórias de relatos de seus pais e das histórias da família sobre os escravos negros e índios da região (sua própria mãe, filha de uma índia pega no laço por seu avô). O fato que estes seres o levavam a atacar seu corpo e a sua obra poderia expressar o retorno da sua identificação com os escravos e a vingança da sua negritude reprimida.

No entanto, seria um reduativismo absurdo e massacrante se reduzíssemos toda a vida criativa e mística de Seu Gabriel a um possível significado deste quadro psicótico

delirante que emergiu na sua velhice avançada. Coube a Jung descrever a vivência da imaginação criativa ligada à transcendência no Processo de Individuação. Até ele, a Psiquiatria rotulava de delirante qualquer manifestação transcendente enraizada na imaginação. Infelizmente, muitos psiquiatras, que não fazem uma análise suficientemente profunda para perceber a força criativa dos arquétipos e a natureza do Processo de Individuação, não adquirem o conhecimento psicológico e a sabedoria existencial para diferenciar a criatividade, a vivência mística e a patologia numa personalidade como a de Seu Gabriel. Nesses casos de ignorância teórica e existencial, o perigo é se reduzir a criatividade e a vivência mística ao delírio psicótico que certamente também existiu no final de sua vida. A patologização da criatividade e do misticismo de Seu Gabriel seria, ao meu ver, um crime iatrogênico que mutilaria a sua identidade ontológica e o seu Processo de Individuação.

Apesar do caminho de interpretação das defesas ser exuberante em significados, sobretudo no caso de uma agressão coletiva como a escravidão, acompanhada de total desenraizamento, que se constituiu num trauma cultural capaz de produzir um sem número de fixações defensivas e identificações negativas, acho que a rotulação global da dadivosidade de muitas mulheres negras e da sabedoria de tantos negros como estereótipos defensivos de subserviência pode trazer uma nova mutilação de gigantescas proporções e conseqüências desastrosas à ontologia da negritude americana.

Reconheço que um dos grandes problemas defensivos do oprimido cultural seja a subserviência por introjeção do agressor, que necessita ser denunciada e elaborada na busca do resgate da identidade do Self cultural danificado. No entanto, é da maior importância que isso seja feito sem mutilar aspectos culturais pujantes e desenvolvidos, caso contrário, o tratamento será equivalente a uma amputação. Combate-se a neurose pela mutilação da alma coletiva da etnia.

A dadivosidade e dedicação da mãe negra que cuidou, lavou, passou, cozinhou e até muitas vezes amamentou e procriou com o escravizador branco expressam basicamente a enorme pujança do Arquétipo Matriarcal nas culturas negras que integram a identidade pluricultural brasileira. Rotular esta riqueza exclusivamente como branqueamento e submissão ao agressor me parece-me um nivelamento por baixo, redutivo, mutilador e até mesmo racista.

Que esta dedicação da mãe negra gerou problemas de identidade e em muitos casos de subserviência, por introjeção do escravizador, não há dúvida. Mas, certos estereótipos negativos não podem servir de pretexto para se desqualificar totalmente a expressão de um arquétipo tão pujante nestas culturas. Aprendemos com Jung que por

baixo de um sintoma, de um complexo por mais patológico que seja, está sempre um arquétipo. Por isto, toda terapia necessita ser criativa o suficiente para transformar resgatando o símbolo arquetípico ao invés de reduzindo e mutilando o símbolo junto com a cura da sua vivência defensiva e deformada.

Se extirparmos a dadivosidade do Arquétipo Matriarcal nas culturas negras, arriscamos condenar junto, mesmo inconsciente e involuntariamente, sua sensualidade e com ela sua música, sua cozinha, seu erotismo físico e psíquico e, até mesmo, sua intuição vidente e premonitória e seus canais expressivos de comunicação com suas divindades, principalmente pelo ritual da possessão.

A curto prazo, até poderíamos ter um fortalecimento da identidade negra pela intensificação do seu dinamismo patriarcal guerreiro. Mas a médio prazo, a mutilação matriarcal traria um empobrecimento cultural certamente desastroso.

Analogamente, a eliminação do Arquétipo da Totalidade expressa muitas vezes na sabedoria da imagem do preto velho e sua substituição pelo dinamismo patriarcal através, por exemplo, do culto exclusivo da imagem guerreira de Zumbi, poderia a curto prazo, também, estimular a identidade e a auto-estima mas, a médio prazo, não evitaria as conseqüências da mutilação do Arquétipo da Totalidade e sua expressão do velho sábio nas culturas negras. Caso não identificados, estes dois redutivismos podem conduzir ao reacionarismo e ao racismo negro, ambos altamente prejudiciais para a construção de um Self Cultural Brasileiro formado por uma sociedade pluricultural que seja realmente democrática.(11)

Não falo contra a idealização de um herói patriarcal guerreiro como Zumbi. Pelo contrário! Na psique individual ou coletiva a imagem mítica do herói patriarcal, coordenado pelo Arquétipo Regente Patriarcal, é de valor inestimável na estruturação da consciência e na formação da identidade. No caso das culturas negras das Américas, cujo desenraizamento feriu brutalmente este arquétipo pelo desmembramento da família e escravização de seu chefe, então, o resgate do dinamismo patriarcal é imprescindível. Nesse sentido, acho o culto do Mito de Zumbi da maior importância cultural. O que não se pode deixar de perceber é seu efeito devastador quando ele é empregado para lutar contra os estereótipos subservientes e ceifar, de um mesmo golpe, os Arquétipos Matriarcal e da Totalidade nas culturas negras. Ao fazer-se isto, resgata-se o dinamismo patriarcal às custas de um enorme desequilíbrio cultural que pode se auto-envenenar sob a forma do racismo negro estendendo ao futuro a destruição de valores culturais que sobreviveram à escravidão no passado.

O dinamismo patriarcal é fortemente concentrado no princípio do poder e quando é exercido unilateralmente e não é contrabalançado pela afinidade erótica matriarcal, facilmente se converte num dualismo maniqueísta que projeta suas dificuldades no Outro e o transforma cegamente em bode expiatório. Isto prejudica muito o exercício do Arquétipo da Totalidade com sua imagem do velho sábio e acarreta um empobrecimento cultural correspondente.

O Arquétipo da Totalidade rege o dinamismo de totalidade na personalidade e na cultura. Neste dinamismo, a consciência contemplativa elabora o significado processual global da vida individual, cultural e do Ser universal. Suas disfunções trazem o ceticismo, o descrédito, a desilusão, a incompreensão da morte, a falta de religiosidade como função de ligação da vida individual com o Cosmos, a desesperança, a alienação, a amargura, a desarticulação simbólica e a depressão. Sua elaboração profunda traz a compreensão, a confiança, a santidade, a tranqüilidade, em suma, a sabedoria.

É um milagre que escravas negras brutalmente mercadejadas e arrancadas de sua terra e dos seus entes queridos, cujas famílias foram humilhadas, mortas e desagregadas tenham podido cuidar, alimentar e amar famílias da etnia escravizadora. Se isto aconteceu, foi devido, em primeiro lugar a extraordinária pujança do Arquétipo Matriarcal nas culturas negras, pujança esta que não pode em sã consciência ser equacionada exclusivamente com o estereótipo da subserviência, apesar desta defesa ter também podido estar presente no seu comportamento.

É um milagre que escravos negros, homens e mulheres e seus descendentes, cujo desenraizamento escravizador foi acompanhado da destruição de seus lares, suas sociedades e suas leis, da repressão estúpida de sua cultura e desconsideração brutal de sua vida física e psíquica, sejam capazes de profunda e verdadeira sabedoria, inclusive para identificar, compreender e admirar qualidades louváveis das culturas escravizadoras, a ponto de aproveitar seu lixo para embelezar um templo humildemente construído com suas próprias mãos, mas nem por isso menos sábio e grandioso que os demais templos da humanidade.

A Casa da Flor hoje está restaurada e cuidada através da dedicação idealista e incansável de pessoas como Amelia Zaluar. Seu exemplo, para quem dela ouvir falar e a compreender esotericamente, é o do desapego do supérfluo em função da criatividade inspirada e dedicada a tudo que é e sempre foi o mais sensível, belo, dadivoso, grandioso e profundamente humano exatamente por ter sido ele tão simples, humilde e efêmero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) BYINGTON, Carlos (2004). *A Construção Amorosa do Saber – Fundamento e Finalidade da Pedagogia Simbólica Junguiana*. São Paulo: W11, 2004. Capítulo 1.
- (2) JUNG, Carl Gustav (1959). *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Obras Completas, Vol. 9 I, Ed. Vozes, Petrópolis.
- (3) BYINGTON, Carlos (1988). *Dimensões Simbólicas da Personalidade*. Ed. Ática, Série Princípios nº 134, São Paulo, 1988.
- (4) NEUMANN, Erich (1949). *The Origins and History of Consciousness*. Pantheon Books, Inc., New York, 1954.
- (5) BYINGTON, Carlos (1984). *A Identidade Ôtica e a Identidade Ontológica*. PUC-SP, Cadernos, 1985.
- (6) BYINGTON, Carlos (1987). "Ciência Simbólica: Epistemologia e Arquétipo. Uma síntese holística da busca do conhecimento objetivo e esotérico". *Junguiana, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*, nº 5, São Paulo, 1987.
- (7) JUNG, Carl Gustav (1950). *O Simbolismo da Mandala*. Obras Completas, vol. 9 I.
- (8) Wilhelm, R. & Jung, C.G. (1931). *The Secret of the Golden Flower*. A Chinese Book of Livre, trad. Baynes, London - New York.
- (9) JUNG, Carl Gustav (1963). *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 6ª edição.
- (10) Byington, C.A. (1992). *A Psicodinâmica Simbólica das Psicoses*. In Simpósio Psiquiatria e Psicologia no Hospital Geral: "A Clínica das Psicoses". Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP, São Paulo, Ed. Litografia Mattaveli, 1992.
- (11) Byington, C.A. (1992). *A Democracia e o Arquétipo da Alteridade*. *Junguiana, Rev. Soc. Bras. Psic. Anal.* nº 12, 1993 e Seminário e Fórum Nacional: Democracia e Diversidade Humana, SECNER, Sociedade para o Estudo das Culturas Negras no Brasil, Salvador, 1992